CAMILO PESSANHA

MARÇO 2026

CENTENÁRIO DA SUA MORTE

卡米路·佩薩尼亞

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme **[C.P.]**

No Oriente do Oriente, *Macau* – a das sete colinas e a Cidade do Nome de Deus - é um murmúrio que anuncia o próprio termo. Camilo Pessanha deixou escrita uma poética que é música da alma, que é uma saudade saudosa. Em *Macau* – cidade crepuscular e terra de acolhimento - o tempo se dissolve e a alma pátria resta suspensa entre o Ocidente que se apaga e o Oriente que permanece. Camilo Pessanha é a consciência simbólica desse limiar, desse espaço de fronteira entre dois mundos, desse ponto onde o Ocidente morre e renasce no Oriente. Pessanha é um poeta de *Macau*. No "fim da terra", a Cidade do Nome de Deus ofereceu-lhe o tempo e a luz difusa, o canto e a cadência dos rituais, o rumor da melancolia luminosa e a alma simbolista. No Centenário da sua morte, Camilo Pessanha continua a caminhar devagar pelas ruas de *Macau*, como se nunca tivesse partido.

Nós por cá, também sabemos que a saudade se escuta a si mesmo.

[Os Bibliotecários]

EDIÇÃO DA BIBLIOTECA MAÇÓNICA DO BAIXO MONDEGO

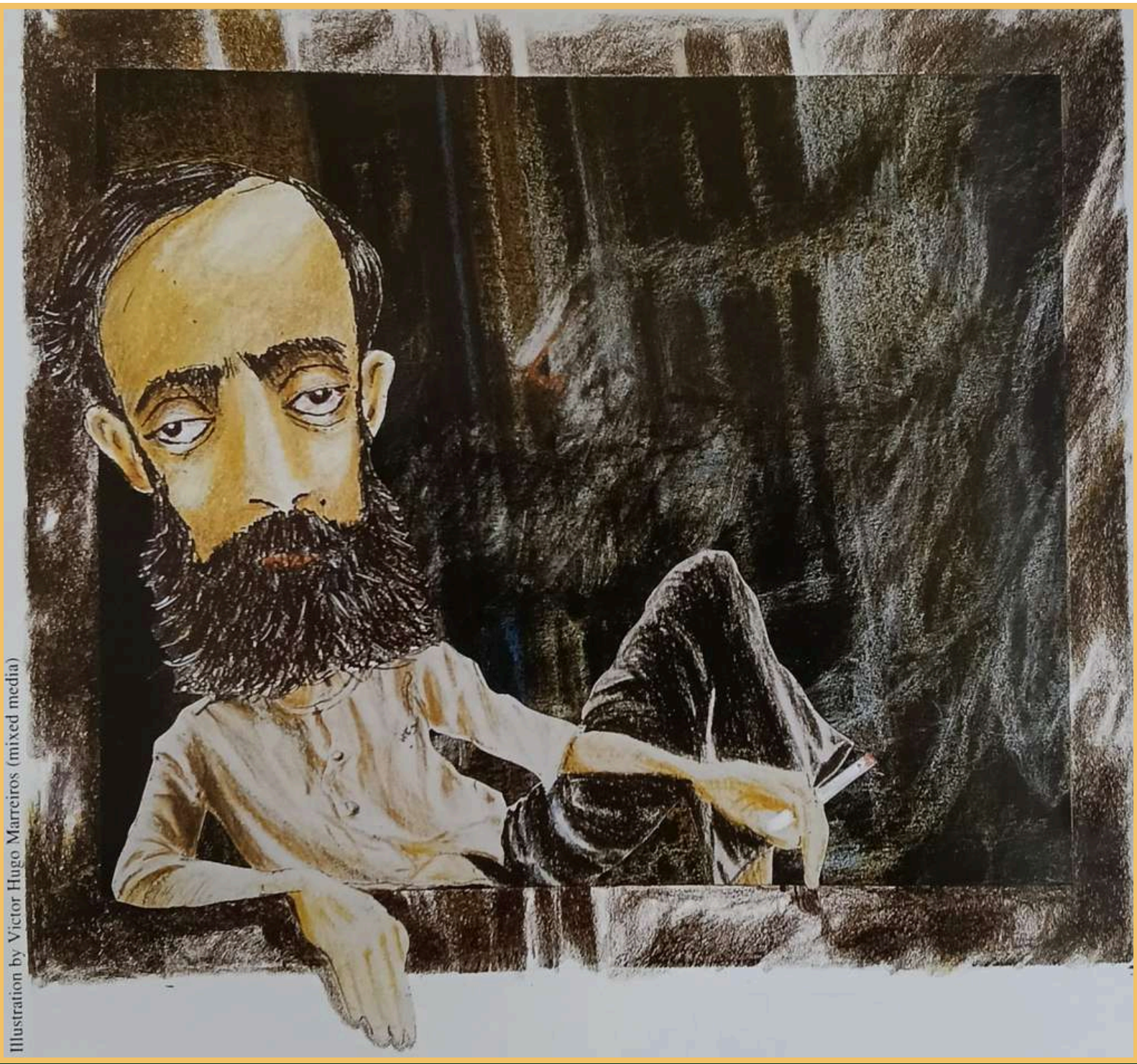


Illustration by Victor Hugo Marreiros (mixed media)

Chronica da Alta

Cá estamos, pois então? Para nos formarmos, para sermos homens. Sim: para sermos homens, quer dizer humanos, é preciso antes de mais nada seqüestrarem-nos do nosso meio, da nossa família, da nossa terra; é preciso remover quanto possa suavizar o nosso trabalho, fazer-nos amar o nosso trabalho; preservarem-nos das bênçãos dos nossos pais e dos beijos dos nossos irmãos mais novos; – de tudo isto que podia insinuar nas nossas organizações de futuros esteios da pátria o condenável, o deletério sentimento do amor.

Camilo Pessanha, in *O Novo Tempo*, Coimbra, n.º 13, 10 de Janeiro de 1890

[ALGUMA] CRONOLOGIA DA VIDA DE CAMILO PESSANHA (I)

1867 Em 7 de Setembro, Camilo de Almeida Pessanha nasce em Coimbra, na freguesia da Sé Nova, pelas 11 horas da noite, filho de um estudante do 3.° ano de Direito, Francisco de Almeida Pessanha, e de Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira, sua governanta.

1884 Completa os seus estudos secundários no Liceu Central de Coimbra. Matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.
9 DE OUTUBRO - O pai perfilha-o.

1885 Conclui o 1º ano do Curso de Direito. Compõe *Lúbrica*, decerto o seu primeiro poema.

1887/8 Intensa atividade literária, em prosa e verso, alguns publicados no periódico *Gazeta de Coimbra e na* Crítica. Reprova o 4.° ano de Direito; e de acordo com Francisco Carvalho e Rego, tal deve-se a uma paixão não correspondida por Madalena Canavarro. Não se matricula no ano letivo de 1888 na Universidade, por doença.

1889 Frequenta o 4º ano de Direito; regressa ao trabalho literário e a convite de Alberto Osório de Castro, seu colega e director do periódico de Mangualde, *O Novo Tempo,* publica ali vários textos; reside na *Rua do Marco da Feira*, n.º 2, em Coimbra.

1891 Como finalista de Direito, defende duas causas em tribunal (17 de Abril); forma-se a 16 de Junho; Vai para Tábua-Pereira, onde permanece pelo menos um mês.
Em Setembro toma posse do cargo de sub-delegado do Procurador Régio de Mirandela; entra em "colisão violenta com o Juiz de Mirandela, Abílio Adriano de Sá, e com o administrador do concelho, membros activos do Partido Regenerador, suspeitos de estarem envolvidos numa agressão a um membro do Partido Progressista".

1892 Encontra-se em Lamego, onde o seu pai é juiz. Concorre a um lugar de magistrado em Ovar, mas pensa exercer em Timor. Pede transferência para Óbidos, onde trabalha com Alberto Osório de Castro, então juiz municipal.

1893 Aberto o concurso para leccionar em Macau, concorre e é seleccionado. Trabalha com o magistrado João Baptista de Castro, pai de Alberto Osório de Castro e de Ana de Castro Osório. Pede em casamento Ana de Castro Osório, que recusa por já estar comprometida.
O desgosto é enorme. Neste ano, compõe a «Canção da Partida», que apresenta um cunho marcadamente autobiográfico.
Em 18 de Dezembro é nomeado para exercer o cargo de professor da 8.ª cadeira, Filosofia Elementar, do Liceu Nacional de Macau.

1894 A 19 de Fevereiro parte, no navio espanhol Santo Domingo, para Macau, onde chega no dia 10 de Abril. Vai residir na Hospedaria de Hing-Ki.

A 14 de Abril o Governador de Macau determina que os professores do Liceu tomem posse do seu cargo, acto efectivado dois dias mais tarde.

A 22 de Abril Recebe uma carta do pai a comunicar-lhe que a mãe estava moribunda.

Em 28 de Setembro começa a leccionar Filosofia e exerce o cargo de secretário do Liceu. Continua a publicar poemas em periódicos.

1895 É atacado pelo jornal eclesiástico A Voz do Crente. Ao que diz Danilo Barreiros compra uma concubina a um corrector, de quem vem a ter, um ano mais tarde, o filho João Manuel. O Liceu de Macau é encerrado, não sem a oposição de Pessanha, devido à peste bubónica. Colabora em diversos jornais, como *O Progresso*. Muda de residência

1896 A 15 de Julho, uma Junta Médica que o examinou declara que tem uma astenia geral - é-lhe recomendada, para tratamento, uma estadia em Portugal. A Junta Médica que, de novo, o examinou concede-lhe 90 dias de repouso e que lhe são renovadaos por outros tantos dias. Viaja pelo país.

Em 21 de Novembro nasce o seu filho João Manuel, sendo a mãe a sua companheira chinesa, Lei Ngoi Long.

1897 Em Fevereiro viaja de comboio para Sevilha, estando depois em Março em Gibraltar e Cádis, de onde embarca rumo a Macau. Chega a Macau a 6 de Abril, retomando o cargo de secretário e professor do liceu. Aprofunda a sua amizade com Wenceslau de Moraes, seu colega no Liceu. Em Dezembro está bastante doente.

A 13 de Dezembro, João Manuel de Almeida Pessanha, filho de pais incógnitos, é baptizado na igreja paroquial de Santo António. Foi seu padrinho Alfredo Augusto Ferreira de Almeida, funcionário público, natural de Lamego, e «madrinha, por devoção, Nossa Senhora da Conceição».

1898 Colabora em diversos periódicos, em que também intervém Wenceslau de Moraes, Tamagnini Barbosa e Pedro Nolasco da Silva. Continua a exercer a advocacia.

Em Outubro, Wenceslau de Moraes deixa o liceu de Macau e parte para o Japão.

[ALGUMA] CRONOLOGIA DA VIDA DE CAMILO PESSANHA (II)

1899

A 26 de Agosto, de Hong Kong, embarca para Portugal num navio da companhia «Messageries Maritimes», via França. O jornal *O Eco Macaense*, novamente, verbera a sua ida a Portugal à custa do erário público. A 5 de Outubro está em Lisboa, no Ministério da Marinha, por ter sido convocado pelo ministro.

Colabora em diiversos periódicos do país.

1900

A 3 de Maio regressa a Macau, onde chega a 18 de Junho. Entretanto pediu a prorrogação da tomada de posse do cargo de conservador do Registo Predial, tendo sido autorizada pelo ministro da Marinha e Ultramar.

A 23 de JUnho demite-se do cargo de professor do ensino secundário e toma posse do cargo de conservador do Registo Predial. Vai leccionar Economia Política, Direito Comercial e História da China no Curso de Comércio.

A 24 de Agosto, o seu filho, João Manuel de Almeida Pessanha, é perfilhado, de acordo com escritura notarial

A 14 de Dezembro morre a sua mãe.

1904

A 16 de Abril, toma posse do cargo de Juiz de Direito Substituto de Macau; a 6 de Julho é nomeado presidente de uma comissão para elaborar um regimento administrativo de negócios sínicos.

A 14 de Setembro, os advogados Nolasco da Silva e Manuel da Silva Mendes tecem várias acusações contra Camilo Pessanha: desorganização no cumprimento das suas tarefas judiciais, incúria relativamente aos registos da Conservatória, ausência do local de trabalho, corrupção; o delegado Luís Horta afirma que Camilo Pessanha «é um magistrado digno e honesto em toda a acepção da palavra, gozando geral e merecidamente da fama de honrado e de um dos espíritos mais brilhantes do funcionalismo público de Macau».

A 11 de Novembro é arquivado o processo que lhe fora instaurado por falta de provas.

Em Abril uma Junta Médica considera que sofre de anemia e concede-lhe 90 dias para tratamento, aconselhando-o a partir para Portugal, para se restabelecer. Parte para Portugal, em Agosto.

Em 20 de Setembro apresenta-se no Ministério do Ultramar em Lisboa e três dias depois é-lhe concedido 120 dias para tratamento. Instala-se em Braga onde fica até fim do ano.

1906

Em Janeiro, em Lisboa, serár examinado pelo Dr. Belo de Morais que lhe recomenda um longo tratamento. Regressa a Braga, onde é visto por outro médico.

1907

Em Agosto, a família muda-se para Vila do Conde, por apresentar um clima mais favorável para a sua recuperação.

Em meados de Novembro é operado no Hospital do Carmo, no Porto, a um tumor hemorroidário.

1908

Entre Junho e Julho está em Lisboa, convivendo com Carlos Amaro e Lúcio dos Santos. Regressa a Leça da Palmeira.

1909

A 15 de Janeiro parte para Macau, onde chega a 18 de Fevereiro. Troca cartas com Carlos Amaro e outros.

Reassume o seu cargo de conservador do Registo Predial no dia seguinte e toma posse do cargo de professor de «Noções de História Universal, História da China e especialmente das suas relações políticas e comerciais e história pátria».

A 11 de Junho é instalada a Loja Luís de Camões II, nº 309, do REAA, e que resultou da transformação do triângulo nº 90 [instalado pelo Decreto nº7 de 23 de Janeiro de 1906, por iniciativa da loja maçónica de Coimbra, Pro Veritate].

1910

Profere conferências, escreve alguns ensaior, colabora em periódicos locais.

A 29 de Novembro É iniciado na Loja Luís de Camões II, com o n.s. de “Angélico”. Ocupou o lugar ade Venerável e atingiu, pelo menos, o grau 30 do REAA, em 1919.

1912

No final do Verão, Alberto Osório de Castro visita-o em Macau, deixando-nos o relato desse encontro. Reassume a função de conservador do Registo Predial. Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro interessam-se pelo poeta Camilo Pessanha.

1914

Em 13 de Abril, no jornal República, Mário de Sá-Carneiro, diz que «o mais belo livro dos últimos trinta anos» seria o livro «imperial, que reunisse os poemas de Camilo Pessanha, o grande ritmista».

Mário de Sá-Carneiro, em carta a Fernando Pessoa escreve: «Peço-lhe desculpa de o estar sempre a incomodar com pedidos de cópias das suas obras, do Pessanha, etc.

Publica a tradução de oito elegias chinesas, dedicando-as sucessivamente a Carlos Amaro, Wenceslau de Moraes, A. P. de Miranda Guedes e Albino Forjaz de Sampaio. Em Outubro é nomeado professor de Português das primeiras classes do Liceu de Macau.

[ALGUMA] CRONOLOGIA DA VIDA DE CAMILO PESSANHA (III)

1915

A 7 de Fevereiro expõe a sua colecção de arte chinesa no Palácio do Governo e que, aliás, o poeta ofereceu depois ao Estado português.

A 21 de Agosto é exonerado do cargo de professor do Liceu.

A 10 de Setembro parte para Portugal, em licença graciosa de 7 meses e 14 dias. Vai residir em casa do seu pai, frequentando os cafés de Lisboa, convivendo intensamente com Alberto Osório de Castro e família. Muda para o Hotel Francforte, no Rossio, onde António Osório de Castro o vai buscar com frequência. A pedido de Ana de Castro Osório, começa a estruturar a Clepsidra. O poeta Fernando Pessoa escreve-lhe, pedindo autorização para publicar alguns dos seus poemas no n.º3 da revista Orpheu. Publica o Catálogo da Colecção de Arte Chinesa e o manual para aprender chinês, redigido com José Vicente Jorge, Kuok Man Kau Fo Shü – Leituras Chinesas.

1916

Regressa em Abril a Macau, com breve escala em Singapura, onde encontra o republicano Velhinho Correia, onde chegou a 21 de Maio. É recebido, a 6 de Junho, no grau 15.° (Cavaleiro do Oriente ou da Espada) e a 22 de Julho no grau 18.° (Cavaleiro Rosa-Cruz), na Loja Maçónica de Macau; entre os seus irmãos estão: José Vicente Jorge, Constâncio José da Silva e, eventualmente, Silva Mendes.

Em Julho, o Governador solicita a Alfredo Lencastre da Veiga, Silva Mendes e Camilo Pessanha que elaborem um projecto de regulamento do Registo Civil. E em Outubro, a revista Centauro, publica 15 poemas da autoria de Camilo Pessanha, que constituem o embrião da Clepsidra. A 8 de Novembro, em carta a Trindade Coelho (Filho) descreve o ritual inerente à sua vivência com o ópio.

1917

A 16 de Outubro, Pessanha é agredido por um homem disfarçado, que, beneficiando da escuridão, conseguiu fugir, mas que era o delegado do Procurador da República e professor, Alfredo Eduardo Lencastre da Veiga, que se incompatibilizara com Camilo Pessanha, na sequência de um processo de partilhas, em que defendiam posições antagónicas. O agressor foi foi condenado a 30 dias de prisão correccional, substituídos por uma multa à razão de um escudo por dia.

1918

Falece o seu irmão Francisco Pessanha.

1919

Em Fevereiro integra a comissão organizadora de uma manifestação republicana, para apoiar o regime vitorioso da investida monárquica, comandada por Paiva Couceiro. É Juiz do Tribunal Militar Territorial.

1919

Pede a exoneração do cargo de conservador do Registo Predial. REcebe, em Março, a comenda da Ordem de Santiago pelos «serviços prestados às letras e artes em Macau». Em Junho é Nomeado substituto do Juiz de Direito de Macau para o ano judicial seguinte. É eleito director das 3.ª e 4.ª classes do Liceu, para o ano lectivo que se aproxima, e vogal do conselho administrativo daquele estabelecimento de ensino. Em Setembro substitui o Juiz do «Tribunal Privativo dos Chinas» e profere uma conferência na cerimónia de abertura do ano lectivo, no Liceu de Macau. Neste ano, atinge o 30.º grau do REAA.

1920

É um dos fundadores do Instituto de Macau, que tinha como objectivo estudar e divulgar a influência portuguesa no Oriente.

Em Outubro é publicada a Clepsidra, com organização de Ana de Castro Osório, proprietária da Editora Lusitânia.

1921

A 30 de Julho faz testamento, perante o notário Luís Nolasco da Silva. Nomeia seus testamenteiros José Vicente Jorge, Mateus António de Lima e o Dr. Morais Palha.

1922

Em Fevereiro encontra-se bastante doente, com uma pneumonia. Em Abril, uma Junta Médica, concede-lhe 30 dias para convalescença, por apresentar «fadiga muscular consecutiva a pneumonia gripal».

1924

A 12 de Junho o professor Eugénio Dias, demitido do seu cargo pelo Governador, ameaça Camilo Pessanha de morte.

1925

A 15 de Julho exerce o cargo de Reitor Substituto do Liceu de Macau. Encontra-se, ainda, doente.

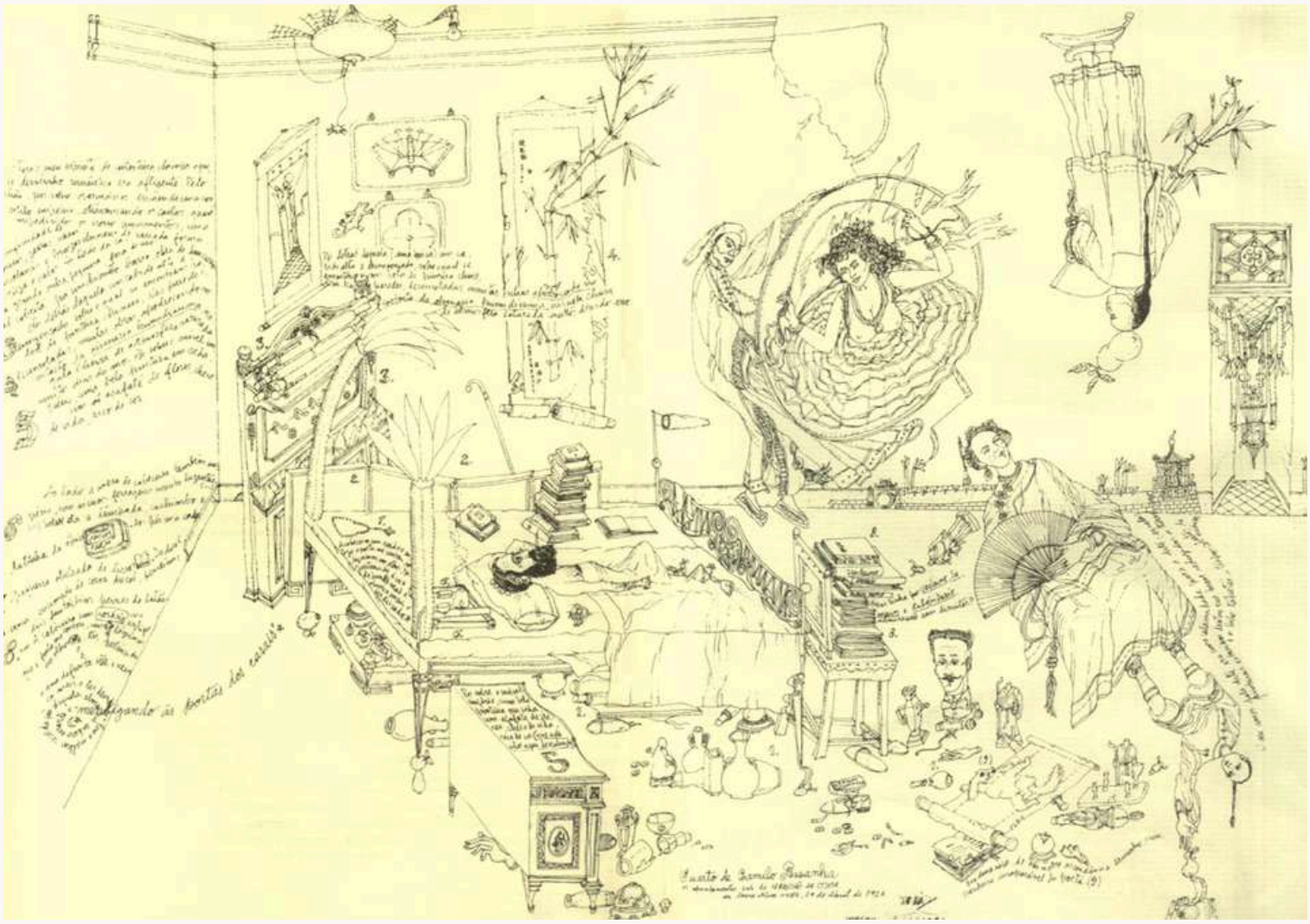
1926

Doa ao Estado uma segunda colecção de arte chinesa, solicitando que este acervo seja reunido ao que doara em 1915, sendo então entregue ao Museu Machado de Castro, em Coimbra, sua terra natal.

A 1 de Março morre em Macau, após prolongado sofrimento, na sua residência na Rua da Praia Grande n.º 75, às oito horas da manhã, vítima de tuberculose pulmonar.

A 2 de Março é sepultado, pelas 17 horas, no Cemitério de S. Miguel, em campa rasa. Por sua expressa vontade, o funeral foi civil, sem música nem coroas.

FONTE: Biblioteca Nacional de Portugal
https://purl.pt/14369/1/cronologia1867.html



O QUARTO DE CAMILO PESSANHA, ILUSTRAÇÃO DE CARLOS MARREIROS

CREPUSCULAR

Há no ambiente um murmúrio de queixume,
de desejos de amor, d'ais comprimidos...
uma ternura esparsa de balidos,
sente-se esmorecer como um perfume.

As madressilvas murcham nos silvados
e o aroma que exalam pelo espaço,
tem delíquios de gozo e de cansaço,
nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se espasmos, agonias d'ave,
inapreensíveis, mínimas, serenas...
Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas,
o meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d'anemia,
os teus olhos tão meigos de tristeza...
É este enlanguescer da natureza,
Este vago sofrer do fim do dia.

Camilo Pessanha

FONÓGRAFO

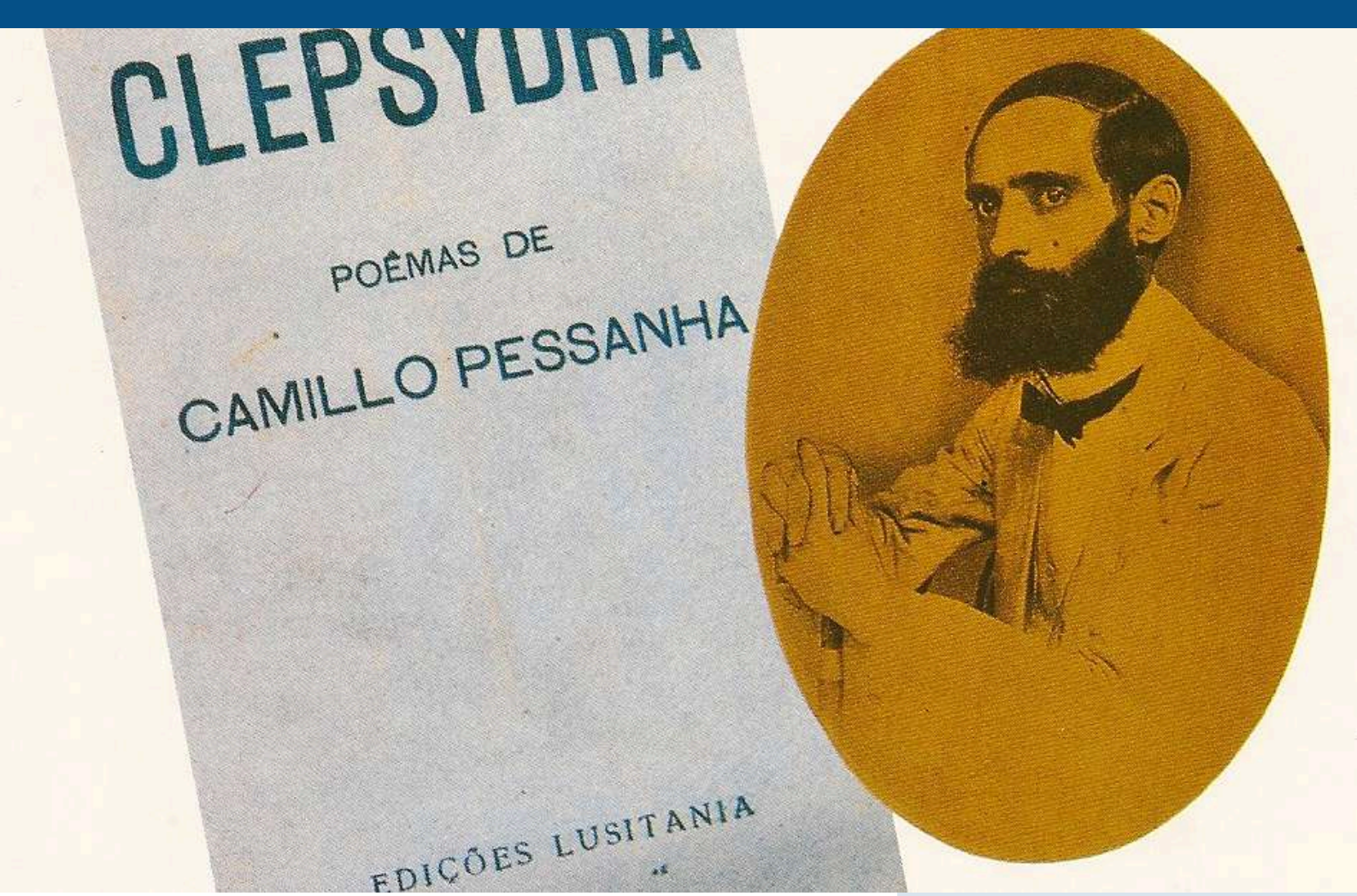
Vai declamando um cômico defunto.
Uma plateia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente
A cripta e a pó, - do anacrônico assunto.

Muda o registo, eis uma barcarola:
Lírios, lírios, águas do rio, a lua.
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paul, - extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos
Dum clarim de oiro - o cheiro de junquilhos,
Vivido e agro! - tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebra-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

Camilo Pessanha



PROJECTO D'OBRA - SOLIDÕES

Eu tinha uns versos e umas prosas do ano passado e há dois anos que repudiei por banais. Isto principalmente, porque nas férias grandes passadas me luziu a ideia de duas séries, uma de prosa outra de verso, que deixavam a perder de vista todos os meus feitos de até então.

A prosa seria contos e chamar-se-ia ***solidões***, não minhas, mas das figuras: estados de espírito diverso, apreendidos no olhar que uma avó estende pelo seu passado, no tremer de lábios de um velho na presença dos quinze anos de uma rapariga que o desdenha, ingenuamente impudica, no corar de qualquer burguesinha, que vê da sua janela o último namorado que lhe mentiu, etc. Seriam rápidos como a maior parte dessas impressões, e a prosa seria igual, embora diversamente sentida, sem esbracejamentos nem gritos porque tais entusiasmos bem os abafam os personagens que eu aproveitaria, que se mordem intimamente, mas conseguem respeitar a polícia e a gente casta.

O verso não teria nome. Dividi-lo-ia em duas partes. A primeira havia de ser a luta pela realização do prazer, com a certeza de lutar por uma aspiração falsa. Seria talvez pessimista: o prazer, não tendo realidade sua, era o aniquilamento do desejo, de forma que esta luta representaria ansiar a morte. A outra parte — excepções, consolações, aniquilamentos parciais do eu, êxtases, espasmos e modorras. Isto mesmo tinha um ressaibo: a dor e a injustiça. Cada desejo constitui uma dívida da natureza para quem o sente: a morte é a cedência das dívidas antigas, para evitar que ela volte a contrair novas dívidas.

CARTA de Camilo Pessanha a José Benedito Pessanha, 1888

EU VI A LUZ EM UM PAÍS PERDIDO

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

CAMINHO III

Fez-nos bem, muito bem, esta demora:
Enrijou a coragem fatigada...
Eis os nossos bordões da caminhada,
Vai já rompendo o sol: vamos embora.

Este vinho, mais virgem do que a aurora,
Tão virgem não o temos na jornada...
Enchamos as cabaças: pela estrada,
Daqui inda este néctar avigora!...

Cada um por seu lado!... Eu vou sozinho,
Eu quero arrostar só todo o caminho,
Eu posso resistir à grande calma!...

Deixai-me chorar mais e beber mais,
Perseguir doidamente os meus ideais,
E ter fé e sonhar - encher a alma

O IRMÃO ANGÉLICO, DA LOJA LUÍS DE CAMÕES II, N.º 309 DO GOL

LIBERDADE — IGUALDADE — FRATERNIDADE

Grande Oriente Lusitano Unido

SUPREMO CONSELHO DA MAÇONARIA PORTUGUESA

O Supremo Conselho do grau 33 e ultimo do Rito Escocês Antigo e Aceito, sob o zénite correspondente a 38 43' de latitude N. e 9°9' de longitude W. Greenwich

A TODOS OS MAÇONS REGULARES

S.·. S.·. S.·.

Nós, Grão Mestre, Soberano Grande Comendador, e mais Dignitarios do SUPREMO CONSELHO *dos Grandes Inspectores Gerais do grau 33 e ultimo do Rito Escocês Antigo e Aceito, junto ao Grande Oriente Lusitano Unido, certificamos que o nosso C.·. e R.·. Ir.·.* Camilo de Almeida Pessanha *Obr.·. da R.·. L.·.* Luis de Camões *, n.º* 383 *, ao Or.·. de* Macau *, sob os nossos auspicios, foi regularmente recebido no grau* 15.º (Cavaleiro do Oriente ou da Espada) *, em* 6 *de* Junho *de 191*6 *, em virtude do que lhe passámos a presente* APOSTILA, *que andará sempre junta ao diploma do grau de* MESTRE MAÇON, *para que possa ser tratado como maçon regular do dito grau e gozar dos direitos e prerogativas que lhe são inerentes.*

Dada e selada ao Val.·. de Lisboa, em 15 *de* Novembro *de 191*6 *(E.·. V.·.)*

O Grão Mestre, Soberano Grande Comendador

O Grande Ministro de Estado

O Grande Secretario do Supremo Conselho

Camilo Pessanha é iniciado na maçonaria, com o número 6980, a 29 de Novembro de 1910, na Loja Luís de Camões II, nº 309 do GOLU, de Macau, com o n.s. de "Angélico". Era Venerável, então, o diretor do jornal A Verdade, Constâncio José da Silva. Ascende ao grau 4, em Fevereiro de 1911, ao grau 15 a 6 de Junho de 1916 e em 22 de Julho, desse ano, ao grau 18.º (Cavaleiro Rosa-Cruz); em 1918, tinha já o grau 25.º e a 15 de Setembro de 1919 ascende ao grau 30.º

Na loja teve o cargo de Orador (1911 – cf. Boletim Oficial do GOLU, Janeiro-Março, 1911, p. 31) e foi Venerável da Luís de Camões nº 383 - a loja Luís de Camões n.º 309 abateu colunas em 1914 e só depois, em Abril de 1915, foi reerguida e daí o novo número de registo.

FONTES:

- Almanaque Republicano - CAMILO PESSANHA E A SUA FILIAÇÃO MAÇÓNICA NA LOJA LUÍS DE CAMÕES DE MACAU – PARTE I (II e III) https://arepublicano.blogspot.com/2015/03/camilo-pessanha-e-sua-filiacao-maconica.html
- Arnaldo Gonçalves, "A Primeira Republica, Macau e os Maçons", rev da Maçonaria, nº2, 2012
- João Gudes - https://aescadadejacob.blogspot.com/2010/05/subsidio-para-historia-da-maconaria-em.html

Instituto de Macau — *Da esquerda para a direita: Eng.º Eugénio Dias de Amorim, Camilo Pessanha, D. José da Costa Nunes, Com. Correia da Silva (Peço d'Arcos), Dr. Humberto de Avelar, Almirante Hugo de Lacerda Castelo Branco, Dr. Morais Palha, P.e Gervaiz, José Vicente Jorge, Dr. Silva Mendes, Dr. Telo de Azevedo Gomes, Ten. Francisco Peixoto Chedas. Morais Palha e José Vicente Jorge foram indicados no testamento do Poeta como testamenteiros*

Group of people that formed the Instituto Macau and included several reputed freemasons: Camilo Pessanha, Bishop Costa Nunes, Correia da Silva, Humberto Avelar, José Vicente Jorge Silva, Silva Mendes, Azevedo Gomes.

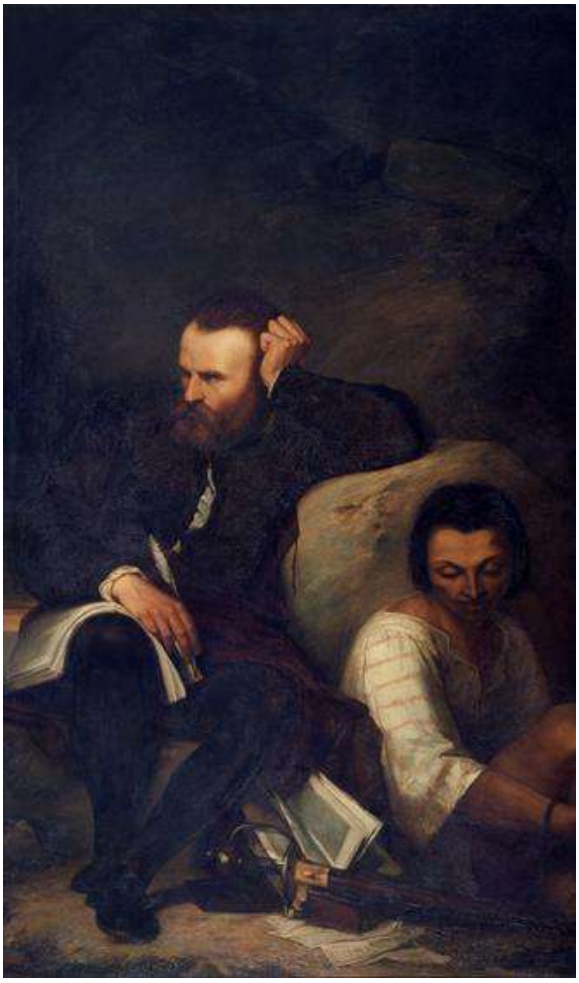
MACAU E A GRUTA DE CAMÕES

POR CAMILLO PESSANHA

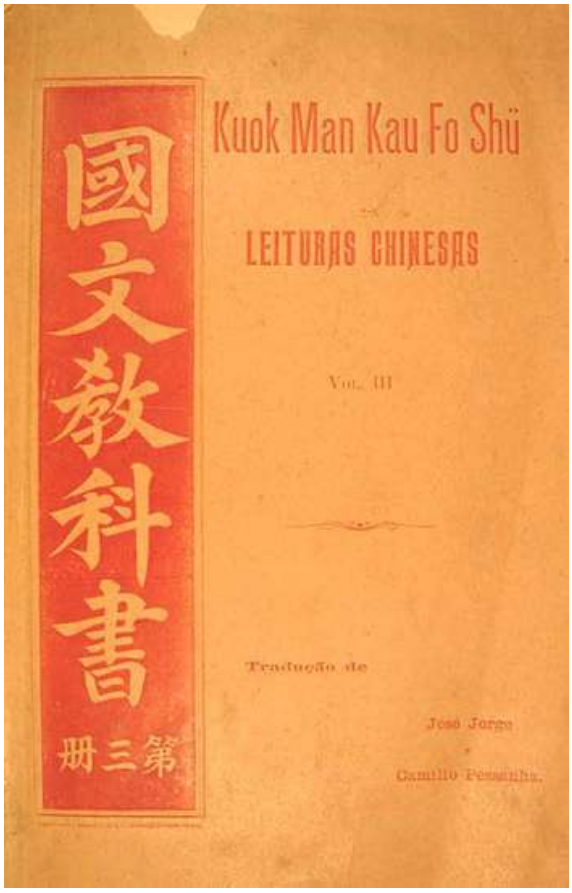
DOS templos profanos portugueses dedicados ao culto do génio é sem dúvida um dos mais venerados o modesto jardim de Macau, chamado a Gruta de Camões. Nenhum português absolutamente, nenhum estrangeiro de mediana instrução vem a Macau, mesmo de passagem, cujo primeiro cuidado não seja o de irem em romagem a êsse recinto sôbre cujo solo é tradição que poisaram os pés do poeta máximo de Portugal — um dos máximos poetas de todo o mundo e de todos os tempos — em quanto o seu génio elaborava algumas das estrofes de bronze dos Lusíadas. E a nenhum deixa de invadir, apenas transposto o vulgarissimo portal do quintalejo suburbano, que dá acesso ao local, um sentimento dominador de religiosidade, a todos impondo silêncio, como se do lado de dentro das duas insignificantes umbreiras de granito estivesse aquela tela que existiu á entrada da cartuxa do Bussaco, onde a pintura macerada de um frade fitava imperativa, com o seu olhar imovel, os que se aproximavam, erguendo verticalmente diante da bôca o indicador da mão direita.

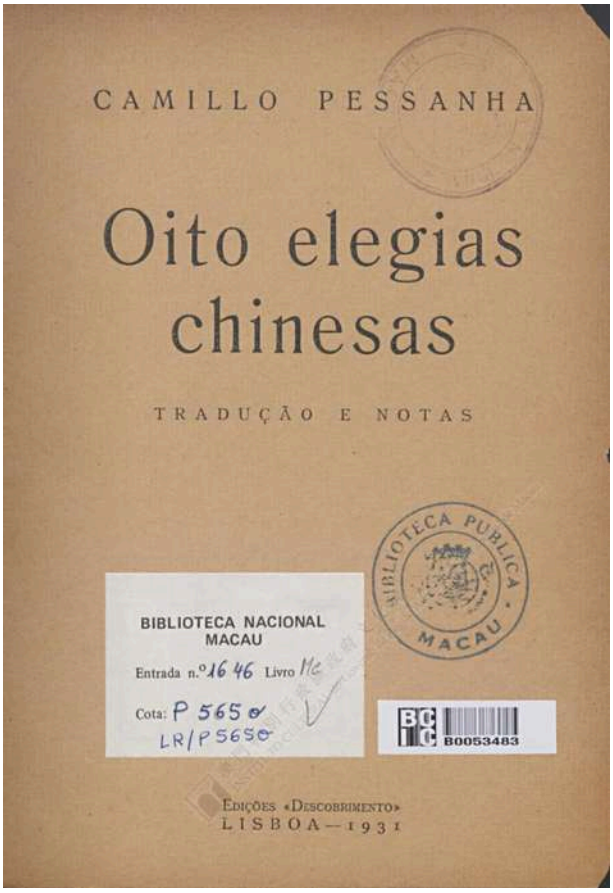
Tem-se debatido desde há anos a questão de se Camões residiu ou não em Macau, se esteve ou não prêso no tronco da cidade, se aqui desempenhou ou pode ter desempenhado as apagadas funções de provedor dos defuntos e ausentes. A polémica ha-de de-certo renascer mais animada algum dia; e provável é que o problema venha a decidir-se finalmente pela negativa.

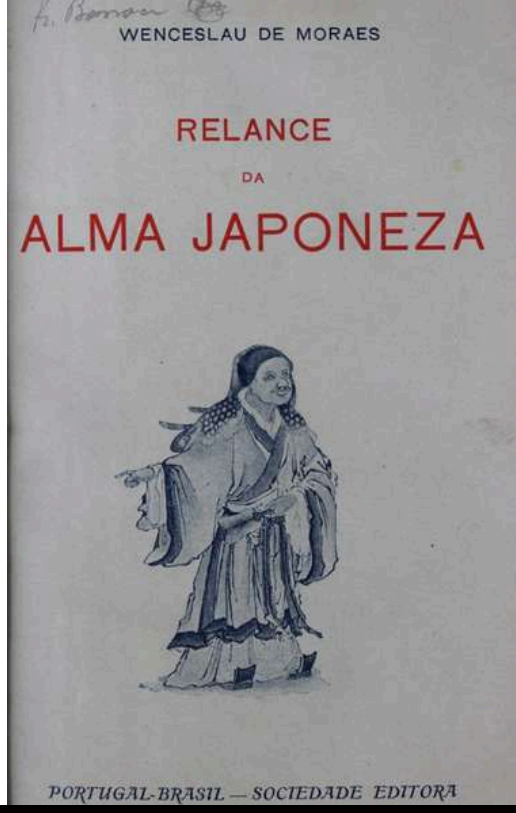
É a sorte de tôdas as tradições consagradas. A critica histórica, a história sciência, positiva e experimental, vem fazendo tábua rasa de quanto é anedóctico e pessoal, das atitudes escultorais, dos gestos dramáticos, das frases eloqüentemente concisas, em que tradições, lentamente evoluidas, haviam definido em têrmos, quási sempre de inexcedível beleza, um carácter, um acontecimento ou uma época. Para só me referir á história literária, basta lembrar que demonstradamente, Homero nunca existiu; e que, quanto a Shakespeare, se é, ao que suponho, incontestado ter havido no século XVI a XVII um actor inglês dêsse nome, não falta já quem lhe negue a autoria de tôdas e cada uma das tragédias que o mesmo nome imortalizaram e para apreciação de cujo valor não se encontra têrmo de comparação mesmo as supremas criações do teatro grego clássico.



IN REVISTA CONTEMPORÂNEA, N.3, JULHO-OUTUBRO, 1926







Nos baldões da vida bohemia, na confusa successão dos dias e das scenas, acontece que os factos, as coisas, os individuos, invocados pela pobre memoria exhausta, vão perdendo pouco a pouco as suas qualidades intensivas, as suas côres, os seus contornos, a sua feição propria, emancipando-se do real, como uma pagina de aguarella desmerece, solta e perdida no espaço e voando com as brisas; diluindo-se por fim n'uma emoção generica, vaga, indifinivel,—a saudade.—A essas duas grandes saudades, Camillo Pessanha e João Vasco, dedico hoje este livro

Wenceslau de Moraes, in Paizagens da China e do Japão

VIOLA CHINESA
(A Wenceslau de Moraes)

Ao longo da viola morosa
Vai adormecendo a parlenda,
Sem que, amadornado, eu atenda
A lengalenga fastidiosa.

Sem que o meu coração se prenda,
Enquanto, nasal, minuciosa,
Ao longo da viola morosa,
Vai adormecendo a parlenda.

Mas que cicatriz melindrosa
Há nele, que essa viola ofenda
E faz que as asitas distenda
Numa agitação dolorosa?

Ao longo da viola, morosa...

Camilo Pessanha

Camilo Pessanha e Wenceslau de Moraes, em Hong Kong (1895)

Carlos Amaro, Lúcio Santos e Camilo Pessanha.

CARLOS AMARO

Claro está que à minha vida precisava de dar um objectivo - sob pena de morrer de tristeza. E qual outro poderia ser aqui senão estudar a língua chinesa, os costumes chineses, a arte chinesa? A solidão intelectual e moral nestes meios é absoluta. Para aqui só vem daí a ínfima escória... Tenho, pois, estudado com furor, até onde mo permitem as minhas forças escassas. Aprendi a falar a língua chinesa (falo correntemente o dialecto cantonense), e, um pouco, a ler e escrever. Tenho meia dúzia de traduções, que são actualmente o único escrito meu que desejaria ver publicado. É claro que tudo isto, que é nada mas me tem custado a vida, me seria fora daqui absolutamente inútil: prende-me, pois, naturalmente a este remoto exílio

Excerto da **Carta de Camilo Pessanha a Calos Amaro**, 1912

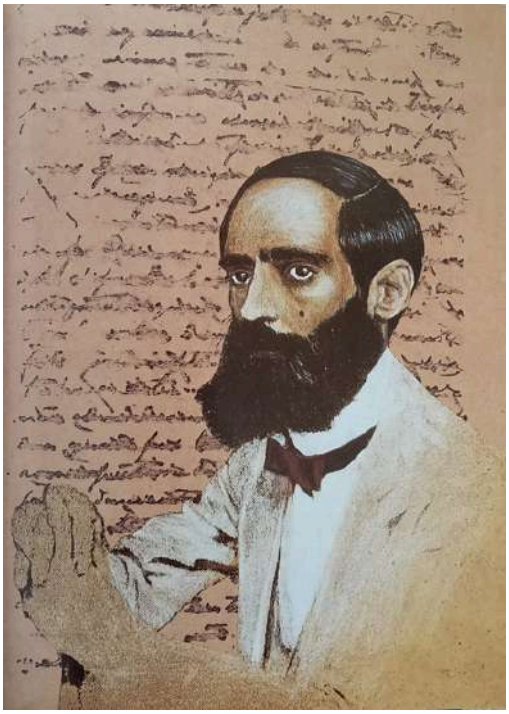
Foi um dia de inúteis agonias,
- Dia de sol, inundado de sol.
Fulgiam, nuas, as espadas frias.
- Dia de sol, inundado de sol.

Foi um dia de falsas alegrias.
- Dália a esfolhar se, o teu mole sorriso.
Passavam, das feiras e romarias.
- Dália a esfolhar se, o teu mole sorriso.

Dia impressível, mais que os outros dias.
Tão lúcido, tão pálido, tão lúcido!
Difuso de teoremas, de teorias...

O dia fútil, mais que os outros dias!
Minuete de discretas ironias...
Tão lúcido, tão pálido, tão lúcido!

[Camilo Pessanha]



P. S. – Sabe o que eu agora desejaria? Não chegar ao meu destino nunca... Ir assim, indefinidamente assim, a bordo de um navio, sem destino

Da **Carta de Camilo Pessanha a Carlos Amaro**, 1909

Escrever, principalmente cartas às pessoas amadas, é refletir, e refletir é esgravatar em todas as feridas, para sempre doridas, do passado, tomar as alturas à situação presente, sondando os abismos da minha miséria, o perscrutar nas trevas do futuro, onde todas as esperanças de alegria morreram... E, pior do que tudo, é arriscar-me a ter o conhecimento de outras desgraças que adivinho e cujo pressentimento me traz a alma constantemente de luto

Da **Carta de Camilo Pessanha a Carlos Amaro**

ANA DE CASTRO OSÓRIO

Anteontem disse eu a V.ª Ex.ª umas palavras tão inoportunas e tão desastradas que um estudante de colégio se envergonharia de as ter dito. Espero que me tenham sido perdoadas. Foi a necessidade, para mim impreterível, de pedir autorização para escrever esta carta, que me obrigou a declarar naquele momento o meu velho desígnio de ter V.ª Ex.ª por minha companheira; e a própria maneira brusca por que o declarei, perturbou-me, ao ponto de, para me justificar, dizer todas aquelas palavras que se seguiram, das quais cada uma só ia agravando a minha perturbação.

Excerto da **Carta de Camilo Pessanha a Ana de Castro Osório**, 1893

EM UM RETRATO

DE SOB O CÔMORO QUADRANGULAR
DA TERRA FRESCA QUE ME HÁ DE INUMAR,
E DEPOIS DE JÁ MUITO TER CHOVIDO,
QUANDO A ERVA ALASTRAR COM O OLVIDO,
AINDA, AMIGO, O MESMO MEU OLHAR
HÁ DE IR HUMILDE, ATRAVESSANDO O MAR,
ENVOLVER-TE DE PREITO ENTERNECIDO,
COMO O DE UM POBRE CÃO AGRADECIDO.

CAMILO PESSANHA, IN "CLEPSIDRA"

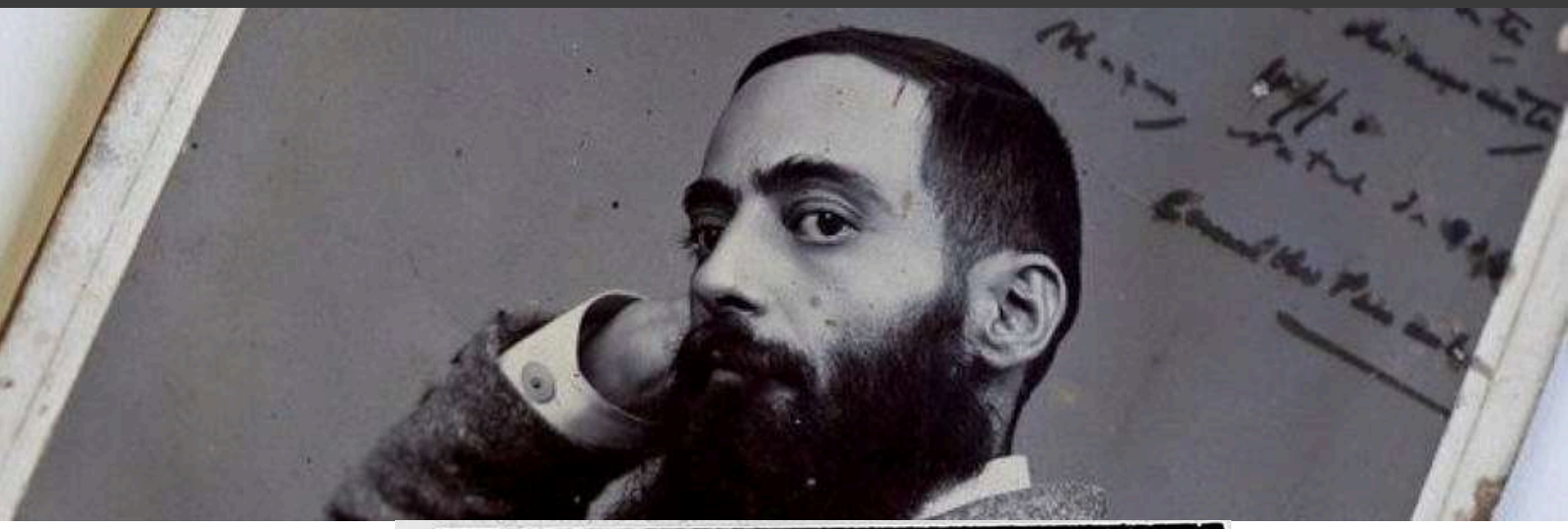
Acredite que foi das mais doces comoções da minha vida e da minha surpresa, ao ver assim evocada e acarinhada diante dos meus olhos a minha pobre alma – há tantos anos morta.

Da **Carta de Camilo Pessanha a Ana de Castro Osório**, 3 junho 1921

Canção da Partida

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei de prender na volta do mar.
Ao meu coração um peso de ferro... Lançá-lo ao mar.
Quem vai embarcar, que vai degredado,
As penas do amor não queira levar...
Marujos, erguei o cofre pesado, Lançai-o ao mar.
E hei de mercar um fecho de prata.
O meu coração é o cofre selado.
A sete chaves: tem dentro uma carta...
_ A última, de antes do teu noivado.
A sete chaves, _ a carta encantada!
E um lenço bordado... Esse hei de o levar,
Que é para o molhar na água salgada
No dia em que enfim deixar de chorar.

Camilo Pessanha, in 'Clepsidra'



Dr. Camilo Pessanha

Morreu. Dolorosamente nos colheu a noticia do falecimento daquele nosso bom e saudoso amigo, na manhã do dia 1 do presente mês.

Ha longo tempo que a doença lhe vinha minando o corpo deixando-lhe todavia em plena vitalidade aquela sua prodigiosa inteligencia que todos lhe reconheciam e que até os seus ultimos momentos de existencia na vida o não abandonou.

Espirito altamente filosofico e amplamente liberal, alma aberta a todas as dores e infortunios, encarava a vida desprendidamente, sem os preconceitos vãos e mentirosos que por aí pululam a contaminar tudo e todos.

Alma sempre propensa ao Bem, praticava-o sem ostentação, gosando o prazer da sua consciencia satisfeita—e isso lhe bastava—ao saber que a sua benefica acção, singelamente praticada, ia concorrer para a debelação de uma angustia ou de um infortunio.

Morreu Camilo Pessanha. O seu enterro, singelo e civil, por sua vontade, como singela decorrera a sua vida, foi enormemente concorrido por pessoas de todas as condicções sociais que á ultima jazida o acompanharam, sempre descobertos, num significativo e compungido silencio, vendo-se alí desde o Governador da Colonia ao mais humilde e obscuro cidadão. A seu pedido foi transportado num armão militar, o qual, coberto pela bandeira nacional, foi conduzido por sargentos, cabos e soldados e ladeado pelos estudantes do Liceu onde era professor e por alunos de outras escolas.

Á beira da sua sepultura proferiu o Reitor do Liceu, sr. Carlos Borges Delgado as seguintes palavras:

Saudoso coléga!

Um adeus!

Um adeus sentido e sincéro!

Um adeus de camarada amigo!

Morreste como viveste .. sonhando...idealisando!

A tua vida foi o tablado erguido no meio de esperanças perdidas!...

Morreste como viveste... sonhando... idealisando!

Nesse mundo do "Alem" o teu sonho continuará.

Serás, ali, o mesmo idealista!

E tu, saudoso coléga, o confessaste claramente quando, para os teus rapazes, disseste: Colocando se fronteiros dois espelhos, duas imagens se formam; qual delas mais vazia? Dissolvendo-se agua limpida em agua limpida, ficam ambas duma mesma limpidez."

Adeus!

A seguir, o aluno do Liceu sr. Cassiano Fonseca disse:

Diante do cadáver dos que baixam ao túmulo com a consagração do seu talento ou dum relevante serviço que prestaram á causa da humanidade, proclama-se sempre que a morte pouco pode, porque, precisamente esse dia é o dia da sua glorificação.

E' que os grandes homens, as grandes almas não morrem nunca porque vivem cristalisadas nas suas obras. Porque morrer não é apagar-se; transpôr os ombrais da eternidade não é extinguir-se para sempre porque ha espiritos de eleição que refulgem, numa visão mais nitida nas som-

bras do mesmo túmulo que nem tudo consome...

Mas, por mais que a imaginação vagueie, ruidosamente, pelas iluminadas galerias do ideal, a razão tem que baixar para as frias galerias da realidade.

E por mais que a imaginação no auge da dôr os crie eternos, afinal tem de se reconhecer que a morte sempre desfalca o activo da humanidade, sobretudo quando se trata de homens de acção, como o morto de hoje, que neste momento deixamos para sempre coberto sob a pesada lousa tumular.

Sim, vós, nosso saudoso e querido professor que com grande mágua da nossa alma e com o coração sangrando de dôr acabamos de entregar á terra *mater* sois uma cerebração pungente, um coração de oiro, um dos maiores ornamentos do nosso Liceu, um titulo mais brilhante de orgulho da nossa Academia, que neste momento chora lágrimas amargas, lágrimas sentidíssimas...

Mas, mais do que isto e acima de tudo, fostes nosso professor como poucos, como raros, um artista distinto na arte de modelar o barro humano...

Um educador perfeito, um obreiro mais devotado porque, espirito clarividente, inteligência rutil, conhecieis com aquele vosso sentido especial, que foi o vosso apanagio, o mal dos nossos tempos, o mal que nos espera surpreender além nas brumas do futuro; e em toda a vossa vida, amando os vossos alunos como se próprios filhos fossem, tivestes sempre por sacerdócio empregar os altos recursos da vossa mentalidade privilegiada e peregrina, por nosso futuro, que consideraveis ser o vosso proprio; neste sentido, gastastes toda a energia da vossa alma boa e bela.

Exactamente por todas estas razões, meus senhores, eu disse que o nosso professor não morreu.

Ele viverá na nossa imaginação enternecida pelo que nós lhe devemos, e por isso somos todos, seus alunos dedicados e leais, o monumento de bronze em que o nome do nosso querido professor estará escrito em letras de oiro perdurando através dos séculos, resistindo á corrupção dos tempos. E nós, para quem êle não morreu, faremos com que o nosso professor não morra também para o nosso país que serviu e tanto amou, porque o seu nome representa-nos o facho da luz e a lição moral da sua vida pública é para nós o farol que ha de iluminar a vereda que nos ha de conduzir para a nossa finalidade.

Querido professor, aqui o vosso humilde aluno, em nome de todos os mais que justamente vos pranteiam, depositando na vossa campa uma lágrima quente da saudade, vem prestar a sua derradeira homenagem, sentida e sinceríssima, e dizer-vos: "Dormi, dormi, sem dôr e sem pena dormi, dormi"...

*
* *

Assim baixou o Dr. Camil Pessanha á sepultura.

Advogado de rara envergadura, perdeu o fôro um dos seus mais inteligentes ornamentos professor distintissimo, perderam os seus alunos um bom, dedicado e carinhoso mestre; maçon por convicção, sofreu Maçonaria e os ideais de liberdade que ela defende, e sofremos todos nós, a perda de um dedicado irmão e fervoroso defensor dos humildes e desprotegidos.

Aos seus entes queridos os nossos pezames.

Paz á sua memoria.

CAMILO PESSANHA

Não teve nunca a poesia portuguesa uma voz igual, de tanta penetração nos mistérios indesvendados da humana dor. E eu ponho-me a evocar a figura de Camillo Pessanha, a sua dor de exilado, a sua sensibilidade excessiva, o seu isolamento melancólico, para poder explicar a mim próprio esta estranha e bela poesia.

Há coisas que só em plena dor, com os olhos enevoados de lágrimas nós somos capazes de evocar com absoluta grandeza. Anos e anos sonhei evocar a imagem desta poesia de Camillo Pessanha — figura de mulher que escutasse chorar o seu próprio coração. A vida é, porém, demasiado violenta, entontecedora, barulhenta e cega. É preciso por vezes escrever sob o signo da morte para dizer a verdade da nossa misteriosa alma.

Quantas e quantas vezes a nostalgia que nos enche a alma do céu? ou da vida? — e que é a alma oculta da poesia de Camillo Pessanha, se quiz exprimir com esta clareza em palavras rápidas e simples. Foi preciso, porém, que a morte do poeta tivesse esmagado por momentos a minha violência criadora, a minha audácia combativa e cruel. E nostálgico e saudoso, com a alma melancólica que ele tinha sempre, posso enfim exprimir o que era a sua poesia — voz de alma, voz que eu evoco, como ele, a tremer do frio que a realidade fugitiva e triste da vida e da morte em mim deixou :

«Voz débil que passas,
Que humílima gemes
Não sei que desgraças
. . .
Suspiras ou falas?
Porque é o gemido,
O sopro que exalas?»

Voz de queixume da alma ferida por todos os sentimentos da vida e da morte e cuja consolação é apenas a poesia que aprendeu a cantar.

Da sua dor, do amargo da sua alma, como eco necessário e compensante surgiu o seu canto — *ai que insiste noite e dia*, insurreição de prisioneiro, queixume de amoroso, voz débil e nua na hostilidade das coisas.

A sua poesia foi a voz da sua sensibilidade e a sua consolação. Só para compensar os martírios da sua sensibilidade ele fez poesia — tão puramente, tão naturalmente como as lágrimas ou o canto assomam á face da desgraça.

João de Castro Osório, *in* Contemporânea, Maio 1926

CAMILO PESSANHA - POR SEBASTIÃO DA COSTA

O poeta lá estava, no seu vestuário rudimentar, estendido ao longo, a lembrar um místico ou faquir indiano, e a dizer-me: «Entre, entre»..., com sua voz fraca de crescentes agudos.

Chegava a cadeira para junto dêle, e os cães, que me tinham seguido, saltavam agora para cima e para baixo do leito em palhaçadas doidas. Mas sempre Arminho, o preferido, acabava por expulsar os demais e instalar-se no seu domínio incontes-tado, junto ao dono, muito chegado, sôbre as pernas, sôbre a cabeça reclinada do poeta, lambendo-lhe o cabelo. Assim dormia tôdas as noites.

Pessanha lia e fumava a esta hora, em camisola curta, cobrindo-o apenas e mal o lençol queimado do cigarro. Ao lado a mesa de cabeceira, também império, com suas ferragens muito luzentes, re-cemdoiradas na oficina de um amigo (indigno da sua amizade) em fácil e pobre gratidão de alguns desembaraços de complicações judiciais. Sôbre ela a lâmpada, cachimbo e latinha de ópio. Aos pés uma cadeira pequena atulhada de livros. Do dossel da cama, encimado de corôa ducal, pendiam dois fantásticos peixes de latão.

Á cabeceira um rosário antigo que o poeta me contou, com lágrimas nos olhos, ter pertencido a sua defunta mãe e nunca mais o ter deixado. Era a melhor recordação daquela alma que andara errante e «mendigando às portas dos casais». Deviam tê-lo encerrado no seu ataúde se houve lá uma alma que compreendesse a sua.

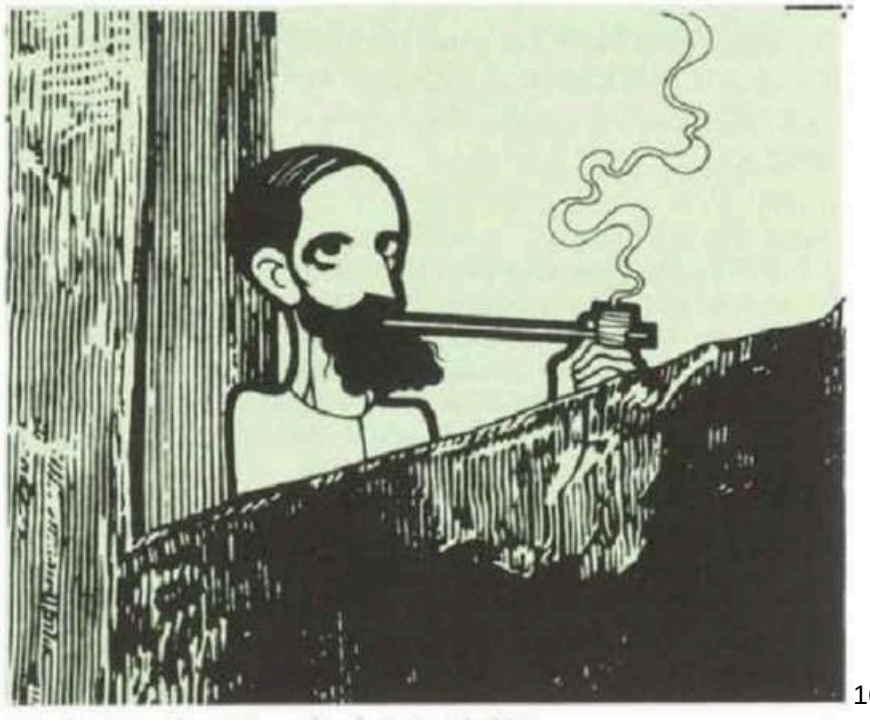
Neste ambiente recebia Camilo Pessanha todos os seus visitantes. Discreteávamos depois sobre coisas mil: a história, a arte chinesa, a poesia universal ou a nossa contemporânea eram os temas predilectos.

Pessanha falava com vivacidade, quási sem conceder ao seu interlocutor uma observação, um juízo, e entrecortava a dição de inúmeros heim! heim! agudos, e risinhos curtos, escancarando a boca negra de fumador de ópio, abismo cavernoso e hediondo. O papagaio junto à janela fronteira gritava uma ou outra vez em uníssono. E ele continuava perorando ou retalhando com azedume crítico os factos e os homens. A sua alma, como a de todos nós, era de claridades e sombras.

A fama que se fizera da sua maledicência tinha alguma razão. Quando um dia abordámos o mérito dos nossos poetas, da nova geração e da antecedente, nem um só se salvou no seu conceito. Na fúria de derruir, depois da leitura de poesias selectas dos quinhentistas, até Sá de Miranda «o in-suportável Sá de Miranda», apanhou a sua conta. Só Camões, o Camões lírico, foi digno de louvor ...

[*in* ***Seara Nova***, n.º 8529, Abril 1926

«OS MÉDICOS DIZEM-ME QUE TENHO ARTÉRIO-ESCLEROSE», DISSE-ME UM DIA CAMILO PESSANHA, «QUAL-QUER DIA CAIO PARA AÍ MORTO NA RUA», E APONTANDO PARA O PEQUENINO PEQUINENSE: «O QUE FARÁ O ARMINHO QUANDO ASSIM ME VIR, E EU DESAPARECER DE TODO ?



[Carta a Camilo Pessanha - 1915?]

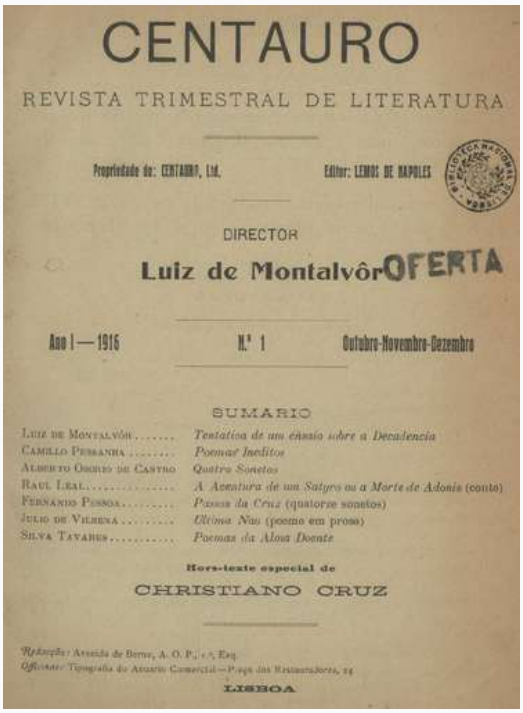
POR FERNANDO PESSOA

Há anos que os poemas de V. Exa. são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda Lisboa. É para lamentar — e todos lamentam — que eles não estejam, pelo menos em parte, publicados. Se estivessem inteiramente escondidos da publicidade, nas laudas ocultas dos seus cadernos, esta abstinência da publicidade seria, da parte de V. Exa., lamentável mas explicável. O que se dá, porém, não se explica; visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos esses poemas, eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda.

É sobre este assunto que assumo a liberdade de escrever a V. Exa. Decerto que V. Exa. de mim não se recorda. Duas vezes apenas falámos, no “Suíço”, e fui apresentado a V. Exa. pelo general Henrique Rosa. Logo da primeira vez que nos vimos, fez-me V. Exa. a honra, e deu-me o prazer, de me recitar alguns poemas seus. Guardo dessa hora espiritualizada uma religiosa recordação. Obtive, depois, pelo Carlos Amaro, cópias de alguns desses poemas. Hoje, sei-os de cor, aqueles cujas cópias tenho, e eles são para mim fonte continua de exaltação estética [...]

Tentativa de um Ensaio sobre a Decadência

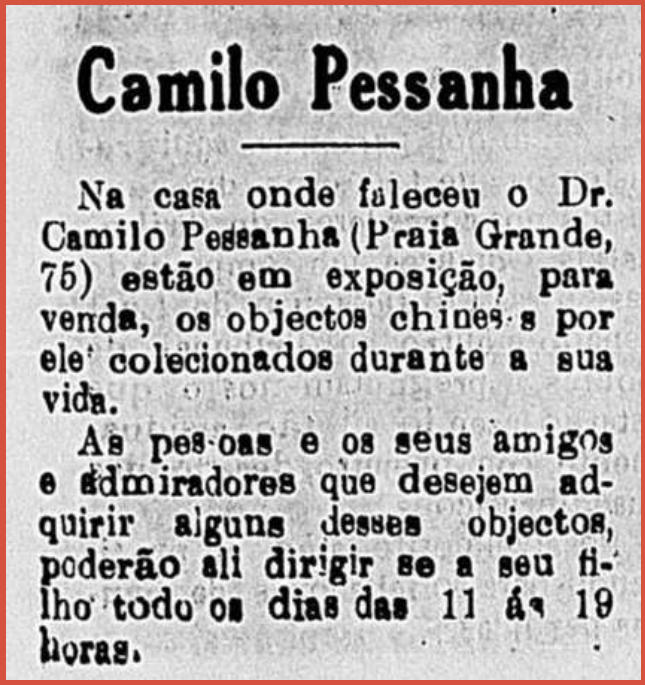
POR LUIZ DE MONTALVÔR - CENTAURO, N.º1



Somos os descendentes do seculo da Decadência. Vamos esculpindo a nossa arte na nossa indiferença. A vida não vale pelo que é mas pelo que doe ... Só a Beleza nos interessa. O resto passa por nós como nós passamos sobre tudo. Somos os descendentes de uma estirpe que, apesar de humildemente representar, traz consigo e orgulhosamente a marca com que Deus abençôa os predestinados e os divinos... Não somos portanto um fenómeno isolado constituindo um pequeno organismo literário independente. Somos apenas e realmente, uma mónada do pensamento literário do nosso seculo.

Toda a grande arte é decadente, de resto que fica excluída dessa definição de arte uma espécie de fauna literária sem vida própria — *as letras pateias, o diário oficial, a imprensa como tuba do progresso e a critica conscienciosa*. Se particularmente a decadência literária é a manifestação estética do século XIX, genericamente toda a grande arte pode ser decadente, porque todos os séculos foram e serão decadentes [...]

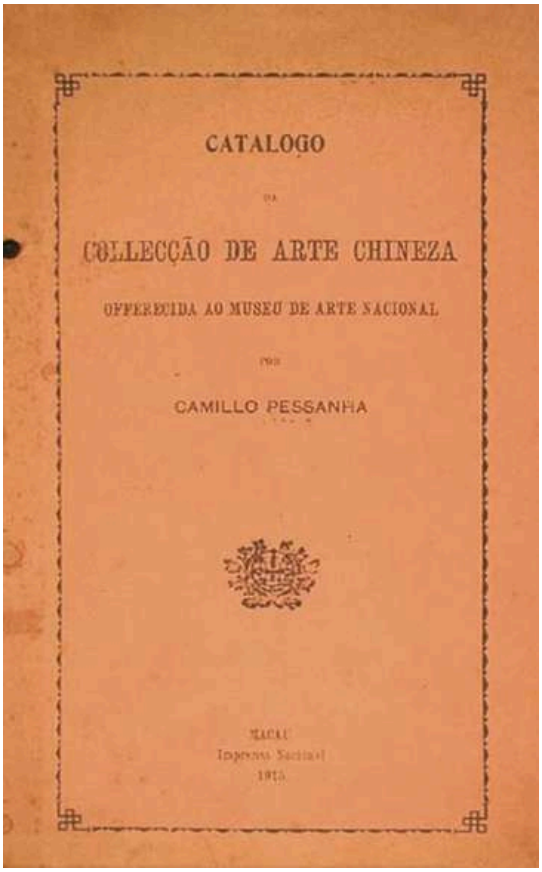
Jornal O COMBATE, Macau, nº136, 10 de Junho 1926, p.5



Camilo Pessanha

Na casa onde faleceu o Dr. Camilo Pessanha (Praia Grande, 75) estão em exposição, para venda, os objectos chinêses por ele colecionados durante a sua vida.

As pessoas e os seus amigos e admiradores que desejem adquirir alguns desses objectos, poderão ali dirigir se a seu filho todos os dias das 11 ás 19 horas.



CATALOGO

DA

COLLECÇÃO DE ARTE CHINEZA

OFFERECIDA AO MUSEU DE ARTE NACIONAL

POR

CAMILLO PESSANHA

MACAU

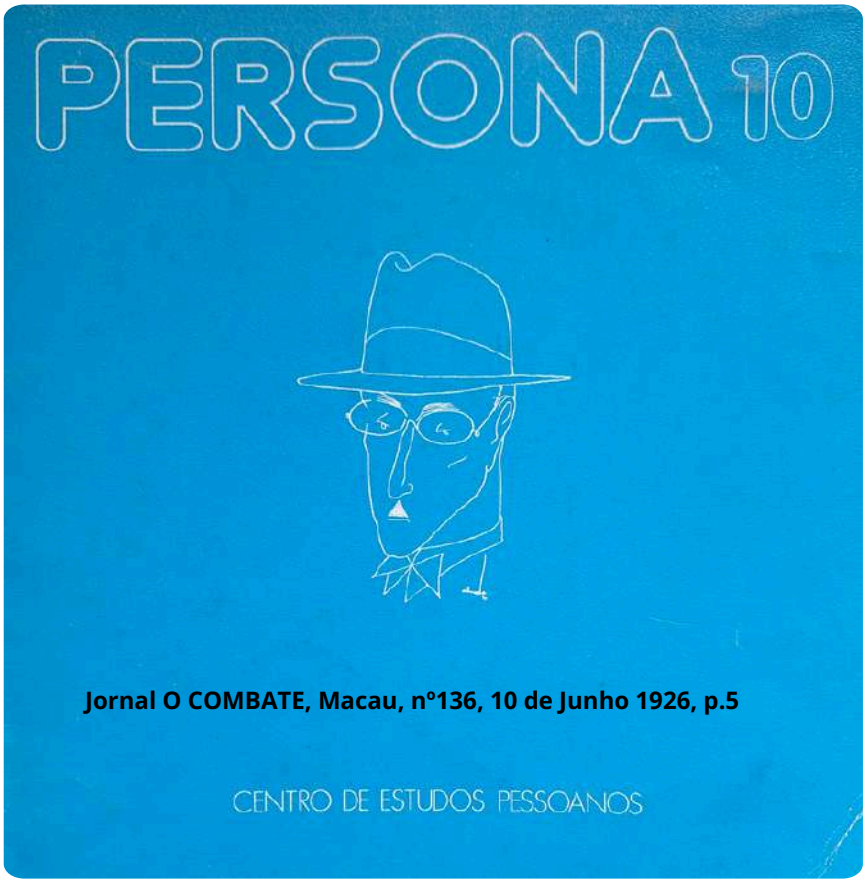
Imprensa Nacional

1915

COLECCIONADOR DE ARTE CHINESA

Do pouco que ganho, o que me tem sobrado dos gastos diários indispensáveis, tenho-o empregado na aquisição de uma cangalhada, – cacos e bonecos chineses –, que, provavelmente nunca terei dinheiro para transportar para aí, apesar de ser meu máximo desejo que por minha morte ficasse guardada em algum dos museus nacionais. Sair daqui nesta ocasião seria renunciar para sempre à posse dessa pobríssima colecção, que é quase a única consolação dos meus olhos e da minha alma. Nada vale pecuniariamente (quando muito uns dois contos de réis, aqui onde alguns advogados, levando vida lauta, têm feito fortuna em três anos), – mas custou-me, a ajuntar, enormes sacrifícios de toda a ordem e representa as minhas economias e o meu trabalho de quase toda a vida

Camilo Pessanha, *in* Carta a Carlos Amaro



Jornal O COMBATE, Macau, nº136, 10 de Junho 1926, p.5

Fonte contínua de exaltação estética

Só um povo distraído, leviano, amante do desperdício pode dispor de um poeta da grandeza de Camilo Pessanha - e não dar por ele, ou por isso. Quase sessenta anos após a sua morte, ainda poucos conhecem, raros lêem, e rarissimos estudam poemas que, antes de serem publicados, já sabiam de cor homens como Pessoa e seus companheiros.

É verdade: Pessanha pouco ou nada fez para ser conhecido e editado. Ele preferia, quando a isso o solicitavam, dizer os seus poemas com a voz «velada», interiorizada, que era a sua; e, ao contrário dos fabricantes que não sabem escapar às redes do comércio ou da vaidade, desinteressou-se tanto da quantidade da sua produção que, em 59 anos de vida, só nos deixou escassas dezenas de poemas; esmerou-se, isso sim, na sua qualidade; esmerou-se a fazer e a refazer, em sucessivas variantes, versos e poemas todos eles antológicos, dos mais belos e requintados da língua portuguesa (e pedindo-nos assim a reflexão, que ultimamente vem apaixonando os teóricos de texto, e os da literatura oral, sobre o texto móvel, permutável, flutuante, instável, de que será errado querer estabelecer a «melhor» versão, pois quase todas as versões se imporão com variado interesse mas igual «nobreza» — ao leitor ou editor crítico).

Andou por aí a moda chinesa, mas quase ninguém se lembrou de um homem que decidiu viver (e morrer) em Macau, que aprendeu uma das principais línguas chinesas, que traduziu poetas chineses, que escreveu sobre a civilização chinesa, que viveu em companhia de mulheres chinesas (uma das quais lhe deu um filho), que coleccionou preciosíssimas peças de arte chinesa (algumas das quais ofereceu ao Governo português, que por muito tempo se não deu conta da valia material e cultural da oferta).

Andou por aí, e parece que ainda anda, a moda da droga, mas ninguém se empenhou em estudar o caso do até hoje mais ilustre drogado português, o fumador de ópio que uma vez terá dito ao Repórter X das Memórias de um Ex-Morfinómano: «Para mim, pátria, família, amigos — não substituem a droga, não anestesiam o suplício da falta!»

Andou por aí a moda de festejar exílios e promover exilados, mas quem se lembrou de um antigo advogado, conservador do registo predial, juiz, professor e poeta que viveu não no exílio mais ou menos forçado, e próximo, da França ou da Argélia, mas no exílio voluntário do Oriente, que também seduzira Camões?

ARNALDO SARAIVA - Persona 10

... A vida das coisas interiores, o que há dentro da noite, o sonho o sono, tudo que é raiz e cimento de ausência e não pertence à face do quotidiano, fez-se verbo, tomou-se carne e habitou em Camilo Pessanha, uma das mais altas e mais puras vozes da poesia portuguesa do nosso tempo e de todos os tempos.

[...] Pessanha e o Oriente é com certeza o tema de maior importância a estudar. Por enquanto, na sua vida e obra, João Gaspar Simões já se pronunciou sobre o assunto e com a autoridade que o caracteriza, na «História da Poesia Portuguesa do Século Vinte». Ester do Lemos, em «Camilo Pessanha e a Clepsidra» teve outros objectivos. Isto não se verificou, porém com Dias Miguel ao carrear subsídios biográficos, muitos deles em primeira mão, e sobretudo com Danilo Barreiros que se tem ocupado assiduamente, de Camilo Pessanha em trabalhos de notável interesse.

... A vida das coisas interiores, o que há dentro da noite, o sonho o sono, tudo que é raiz e cimento de ausência e não pertence à face do quotidiano, fez-se verbo, tomou-se carne e habitou em Camilo Pessanha, uma das mais altas e mais puras vozes da poesia portuguesa do nosso tempo e de todos os tempos.

[...] Pessanha e o Oriente é com certeza o tema de maior importância a estudar. Por enquanto, na sua vida e obra, João Gaspar Simões já se pronunciou sobre o assunto e com a autoridade que o caracteriza, na «História da Poesia Portuguesa do Século Vinte». Ester do Lemos, em «Camilo Pessanha e a Clepsidra» teve outros objectivos. Isto não se verificou, porém com Dias Miguel ao carrear subsídios biográficos, muitos deles em primeira mão, e sobretudo com Danilo Barreiros que se tem ocupado assiduamente, de Camilo Pessanha em trabalhos de notável interesse.

Metade da sua vida decorreu naquela terra longínqua, em contacto com os seus usos, costumes e tradições. As suas economias gastou-as em grande parte adquirindo peças de arte chinesa que ofereceu ao Estado e a que José de Figueiredo não soube reconhecer o valor, antes pelo contrário, mantendo-as em caixotes por abrir, anos sem fim (Resultado edificante, Camilo Pessanha, antes da sua morte, deu outro destino a muitas outras peças que também possuía e que tencionava mandar para a Metrópole, para o Museu de Arte Antiga, se José de Figueiredo não tivesse tão lamentável e acintoso procedimento. Alfredo Guisado nos anos vinte sobre tão insólita atitude e manifesta incúria ergueu a voz no Parlamento em enérgico protesto).

CAMILO PESSANHA faria hoje 100 anos

"ÁGUIA DE PRATA" OFERECIA-LHE LISBOA

UM INÉDITO DO POETA

que se deixou devorar pelo ópio

para matar as "violentas saudades"

ARTIGO de ANTÓNIO VALDEMAR

SITUAÇÃO CONFUSA NO CONGO

OS REBELDES MULELISTAS

DIRIGEM-SE PARA KISANGANI

Características […] da civilização chinesa foram, ainda, analisadas por Camilo Pessanha, nomeadamente, a maneira do ser do povo, a literatura e a estética. Interesses dos chineses que punham em jogo a sua própria liberdade individual - Camilo Pessanha tomou a peito, como jurista em muitas causas, algumas das quais célebres, defendendo questões difíceis e com uma solicitude que transpôs as fronteiras de uma vulgar actividade profissional.

Um europeu em Macau um Oriental na Metrópole deslumbrando os amigos das tertúlias do Martinho, do Royal e do Londres com descrições surpreendentes de bazares, bonzos amarelos, […] pagodes e uma imensa e misteriosa vida humana. As próprias elegias chinesas que traduziu com eficiente colaboração de José Vicente Jorge, seu dedicadíssimo amigo abordam na maioria a saudade, o exílio, o regresso.

Aí se lêem expressões como estas: «embargam-no as saudades violentas», «desterrado da pátria e sem notícias dela / para essas bandas volvo de contínuo os olhos», as «flores soltas me fizessem cortejo, à despedida no regresso à pátria», «dói-me ao recordar vozes amigas», «país de exílio», «o alarme pra o regresso». Não houve bem entendido adulteração do texto original para acentuar emoções pessoais. Camilo Pessanha teve mas foi o cuidado de seleccionar elegias com as quais se identificava, que exprimiam iguais estados de alma e de vida.

Pensando no «regresso à Pátria», «desterrado da pátria e sem notícias dela / para essas bandas volvo de contínuo os olhos», assim consumiu a vida essa estranha personalidade. E tais eram as saudades - «violentas saudades» - que, para se não deixar esmagar por elas, foi-se a pouco e pouco devorando pelo ópio num acto de entrega total e alucinada. E se a saudade da pátria não o matou deixou-se matar por ela. [transcrito, com a devida vénia, do blog *Almanaque Republicano* - https://arepublicano.blogspot.com/2020/11/7-setembro-de-1967-camilo-pessanha-no.html]

DANIEL PIRES
EDITOR DE PESSANHA

https://hojemacau.com.mo/2025/04/23/daniel-pires-editor-de-pessanha/

... Daniel Pires, mestre de investigadores celebrou um percurso discreto, muito ligado a Macau. Não apenas por isso, mas poucos nomes estão tão ligados à figura de Camilo Pessanha quanto o de Daniel Pires, que se tornou, ao longo de décadas, mais do que um leitor e um editor, o generoso construtor de ferramentas com que outros puderam ler o poeta.

Quem já leu autores, com vontade de os estudar, sabe o quão precioso é haver em final de livros um índice onomástico. Do reino do papel, quase defunto, foi substituído por outras coisas. Mas diria eu que a principal atividade de Daniel Pires, em torno de Camilo Pessanha, é, sobretudo, a criação de instrumentos de investigação, a exemplo de um índice onomástico. Não são visíveis, não são vistosos, não são sequer autorais muitas vezes, e no entanto são fulcrais. As suas atividades em torno da obra de Pessanha não se encontram encerradas, sempre in fieri. Assim, não diremos “foram”, pois continuam: organizar e editar a prosa, construir uma cronologia da vida e da obra, reunir e catalogar a biblioteca privada do poeta, editar a correspondência.

A poesia de Camilo Pessanha reflecte a precariedade da natureza humana, o seu caracter efémero, a sua fragilidade, sendo sintomático que a Clepsidra comece e termine com poemas que expressam desalento e derrotismo ...

[Daniel Pires, in Seara Nova, nº 1741, Inverno 2017-2018]

Por exemplo, o trabalho de reconstituição da biblioteca pessoal do poeta, publicado no volume Clepsydra 1920-2020 – Estudos e Revisões (Documenta, 2020), organizado por Catarina Nunes de Almeida, e de que versões prévias haviam saído em outros locais.

Já a cronologia da vida e da obra de Pessanha segue um percurso paralelo, iniciado com a Exposição Biobibliográfica Itinerante (1991), organizada por Pires em Macau, onde se publicou o seu catálogo, e aprofundada ao longo dos anos em vários outros suportes, culminando numa versão amadurecida no volume Correspondência, Dedicatória e Outros Textos (BNP, 2012). Essa cronologia — longe de ser uma repetição das que saíram nas edições anteriores —é, na verdade, uma versão cada vez mais alentada.

O retrato do poeta que, graças a Daniel Pires, se afastou da figura abúlica com que a crítica tantas vezes nos deixou. Hoje sabemos, com documentos na mão, que Pessanha participou ativamente na vida cívica de Macau, envolveu-se em comissões, foi professor, juiz, tradutor, membro da Sociedade de Geografia (sócio nº 4421, como descobriu o próprio Pires), e manteve uma rede de relações profissionais e políticas que fazem dele um agente do seu tempo. A correspondência editada em 2012 revela, com clareza, o patriotismo republicano e laico de quem denunciou o desinteresse do Estado português por Macau e procurou melhorar o funcionamento do sistema judiciário e pedagógico local [...]

A intervenção de Daniel Pires no domínio editorial inclui ainda a coletânea Homenagem a Camilo Pessanha (1991), organizada com o Instituto Português do Oriente e o Instituto Cultural de Macau, e sobretudo Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor (1993), também publicado no território, onde pela primeira vez se reúne de forma sistemática a prosa e as traduções do poeta. Esta edição permanece, ainda hoje, a recolha de referência da prosa de Pessanha — uma obra que merecia ter conhecido edição em Portugal, o que, inexplicavelmente, nunca aconteceu [...]

O MEU TESTAMENTO

MANUEL SEIXAS
MEMBRO DA
DIREÇÃO DO GAAC

Morte, enterro, testamento - três palavras fortes, lógica e frequentemente associadas.

Também eu, Camilo de Almeida Pessanha, deixei uma herança, embora o meu maior legado fosse aquele que alimenta os sonhos da humanidade - a minha arte, a escrita, a minha poesia.

Ainda eu não arrefecera e a terra não tinha abatido sobre o meu corpo na modesta sepultura do cemitério de S. Miguel Arcanjo em Macau, já a minha companheira Kuoc Ngan Yeng - Águia de Prata - se apresentava nas instâncias apropriadas reclamando o que era seu, por testamento, aliás, quase tudo do que, materialmente, eu dispunha. Mas não a minha biblioteca!

Os meus livros eram o meu ópio, para lá do próprio ópio, cansados, manipulados, desalinhados sobre os meus poucos móveis, surgindo em cada canto, às vezes na cama, às vezes no chão. A minha biblioteca foi entregue, por minha última e respeitada vontade, à Repartição do Expediente Sínico e está hoje na Biblioteca do Leal Senado: literatura, história, direito, religião, filosofia, arte, linguística, dicionários, China e Oriente, revistas e outros papéis - de Frei Agostinho da Cruz a João de Deus, de Verlaine a Ruben Dario, mas também Renan ou Dostoiévski. E Camões, muito Camões.

Mais do que a estreita obrigação profissional, as minhas leituras mostravam os meus interesses e reflexões, fossem religiosos, filosóficos ou orientais – cerca de 750 volumes mal estimados, porque devorados, dedilhados, convulsionados, como as "arcadas dos violoncelos".

Para alguém de quem disseram "desorganizado e negligente", fui bastante previdente ao fazer o meu testamento 5 anos antes de falecer, contemplando também o João, agora já perfilhado, e indicando como testamenteiros os meus fiéis amigos Vicente Jorge, Mateus de Lima e Morais Palha.

Mas falta ainda falar do meu testamento, por assim dizer, filosófico. Paralelamente à literatura, à minha arte, deixei uma vida, uma figura, uma história, não muito longa mas rica, cheia de lutas e desistências, amor e repúdio, ficções e realidades. Aparte a escrita, o que deixei ao mundo? Como lêem, os que lêem, a minha biografia? Como me interpretam, qual o meu pensar, que inspiração deixo, que fama me adorna, que coluna me sustenta?

A nobreza do meu amor, a coragem frente aos adversários, a defesa do direito, a ânsia da instrução, o desprendimento terreno, a aspiração à paz, o culto da beleza, o alívio da dor e do sofrimento, a procura do eu - talvez.

"O inane, vil despojo
Da alma egoísta e fraca!
Trouxesse-o o mar de rojo,
Deixasse-o a ressaca."

in Diário de Coimbra, 19 de Abril 2026

«[...] De regresso a casa, deitei-me, segundo o costume, ao comprido – *perinde ac cadaver* – a remirar-me no bom acabamento da obra feita. Naturalmente, enquanto Águia de Prata (em breve mandarei ao Sr. Trindade Coelho um retrato da pobre bicheza) ia preparando e dando-me a aspirar o inefável tóxico consolador (li há poucos dias, pela primeira vez, o Macbeth, de que encontrei um exemplar nos tin-tins — a feira da Ladra daqui:... *the innocent sleep... sore labor's bath... balm of hurt minds*) produzia-se pouco a pouco em mim esse delírio lúcido, característico, dizem, da intoxicação pelos hipnóticos, em que, sem se perder a consciência da situação em que se está, se evoca no espírito com absoluta fidelidade e perfeita nitidez, uma outra situação, em outro lugar ou em outro tempo, como se se vivessem simultaneamente duas vidas, muito distantes uma da outra. A imaginação, já se vê, transportou-me para aí, para a agitação estéril desse meio lisboeta, para esse tumulto, agressivo e vão, por entre o qual andei a ser amachucado e sovado durante cinco angustiosos meses. Vieram todas essas figuras delirantes, de segunda plana, que eu tive melhor ocasião de conhecer. [...] Entretanto, como um eco longínquo do marulhar desse tumulto, iam-me acordando espontaneamente no espírito, e acamando-se logo em dois sonetos, os versos que aí mando inclusos, e para cuja remessa (só para isso) escrevi esta longa carta justificativa.»

CARTA de Camilo Pessanha a Henrique Trindade Coelho [in BNP] | Fotografia da “Aguia de Prata” retocada, via AI, do Diário de Notícias, 7-09-1967 -ver p. 20.

Maria Antónia Jardim

HERMENÊUTICA E SIMBÓLICA: DE PAUL RICOEUR A CAMILO PESSANHA

[...] ao ler Pessanha, há que ter em conta que a sua própria leitura dos grandes livros sagrados orientais (Poemas), foi feita à luz de um sol platónico, não esquecendo o sentimento nobre que os une: a Saudade. Segundo Dalila P. da Costa, o amor de Platão e a saudade serão uma dialéctica, conduzindo a uma revelação do absoluto (uma tese que defendemos na obra Camilo Pessanha, um educador épico-ético, editada em 2000 pela Fundação Macau). Ambos como disciplinas filosóficas e meios de libertação; isto, porque a saudade elevará a alma da Terra ao Céu e lhe dará a visão da sua imortalidade.

É esta pátria celestial que Pessanha apresenta em “Branco e Vermelho”, um tempo em que o coração da eternidade palpita, pois que a saudade do poeta é desejo de vida eterna: “Já o sonho começa”. A saudade é a vitória sobre a morte, sobre os medos, porque o sujeito poético viu com os olhos divinos (“No êxtase da luz / vejo passar…”), os da eternidade, a modificação dos humanos, de todos os seres na caducidade. A saudade, angelicamente, transporta o ser da morte para a vida; é uma solução de continuidade no fluxo (Clepsidra) uno da existência/essência. Os poemas de Clepsidra não visam a liberar um conteúdo intelectual: funcionam como índice de uma realidade oculta (o estado de Graça, o sentimento de Dor), apenas perceptível pela manipulação adequada dos símbolos.

Mapa astral de Camilo Pessanha, por
Carlos de Oliveira
in Revista Simbólica, 1994, p.78,

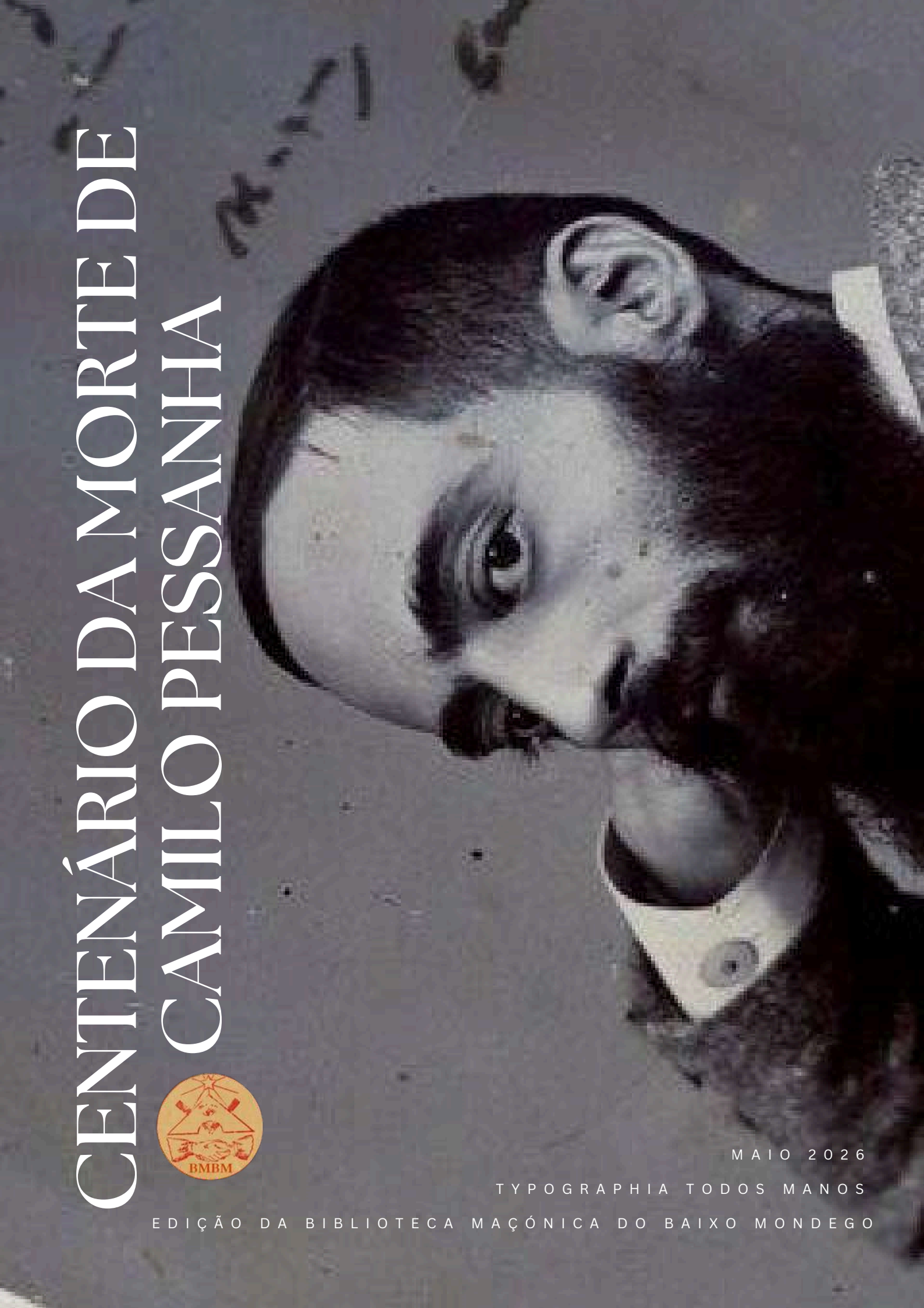
[...] Em Pessanha, os símbolos possuem uma espécie de “aura luminosa”; eles revelam que as modalidades do espírito são ao mesmo tempo manifestações da vida e, por conseguinte, envolvem directamente a existência humana, pois traduzem uma situação humana em termos cosmológicos. Mais precisamente, revelam o vínculo existente entre as estruturas da existência humana e as estruturas cósmicas. O sujeito não se sente “isolado” no cosmos; está “aberto” para o mundo, que graças ao símbolo se torna “familiar”. Camilo Pessanha faz esta orquestração, ele é o maestro que gostava que os outros ouvissem a música íntima e a música das esferas (a lírica e a épica) como ele a ouvia. É que quem compreende um símbolo não só se “abre” para o mundo objectivo como também consegue sair do seu contexto particular e aceder à compreensão universal.“Viver”, é, pois, um símbolo e decifrar correctamente a sua mensagem implica a abertura para o espírito e, finalmente o acesso ao universal.

No caleidoscópio clepsídrico que é a própria Vida, Camilo Pessanha é regido pelo signo Virgem, que segundo Carlos Oliveira, astrólogo que elaborou a carta astral de Pessanha para a revista “Simbólica”, é regido por Mercúrio e esotericamente pela Lua.

Segundo este astrólogo uma forte interiorização e vivência íntima predominam na sua estrutura e forma de ser devido igualmente à relação revelada entre Plutão e mercúrio-Vénus no seu mapa astral. Este aspecto terá feito de Camilo Pessanha um ser único, enigmático “ louco” na sua forma muito própria de ser, na sua permanente insatisfação e contínuo “ morrer” e “renascer”, que fez do simbolismo a sua fórmula de vida.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS
Revista de Cultura, 2028

CENTENÁRIO DA MORTE DE CAMILO PESSANHA



MAIO 2026

TYPOGRAPHIA TODOS MANOS

EDIÇÃO DA BIBLIOTECA MAÇÓNICA DO BAIXO MONDEGO